

MEMÓRIA E ENSINO

Vani Moreira Kenski

Faculdade de Educação/UNICAMP

RESUMO

Neste texto, busca-se identificar as orientações com que o tema *memória* vem sendo pesquisado nas Ciências Humanas, especificamente em Educação. Destaca-se também a importância do tema para a compreensão do comportamento docente em sala de aula e os cuidados teóricos e metodológicos a serem observados pelos pesquisadores que se dedicam ao assunto.

MEMÓRIA — ENSINO — PRÁTICA DOCENTE

ABSTRACT

MEMORY AND EDUCATION. In this text, the author sought to identify the guidelines along which the subject of *memory*, is being researched in the Human Sciences, specifically in Education. The importance of the subject is emphasized in order that learner behavior in the classroom may be comprehended. Also underscored is the theoretical and methodological attention to be given by the researchers working on the subject.

Os estudos sobre memória nas Ciências Humanas são, geralmente, associados a questões ligadas à História, área em que a memória é objeto permanente. Existem, no entanto, muitos outros campos do conhecimento que se dedicam a estudos sobre o mesmo tema — a Educação é um deles. Estuda-se “memória” em Educação com os mais diversos objetivos e em praticamente todos os segmentos da área. Na maioria dos casos, porém, ao se trabalhar com a memória educacional está se fazendo um determinado tipo de história, específica, direcionada para os fins e objetivos educacionais, mas, ainda assim, História. É o caso, por exemplo, do levantamento da memória em uma determinada instituição de ensino — colégio, instituto ou universidade —, sua trajetória e importância em uma determinada época. Esses trabalhos são desenvolvidos, em geral, a partir dos pressupostos da pesquisa historiográfica e constituem fontes importantes de dados para os estudiosos da História, da Educação sobretudo.

Numa outra vertente, existem trabalhos sobre a memória em Educação em que se alternam preocupações históricas e sociológicas. Baseadas principalmente nos depoimentos orais de pessoas que “viveram a época”, essas pesquisas procuram recuperar, por exemplo, as memórias de antigos mestres ou de ex-alunos e, por meio delas, tentar caracterizar as relações sociais existentes em uma determinada instituição ou as influências deixadas por alguma experiência educativa. Incluem-se nesse caso, ainda, os estudos sobre a “memória educacional” de determinados grupos sociais (escolas de favela, da periferia, das classes A, B, ou C), de minorias raciais ou de grupos étnicos estratificados, como as tribos indígenas ou os núcleos de imigração (escola alemã, japonesa).

Nos trabalhos voltados exclusivamente para as relações entre memória e ensino também encontramos preocupações diversas. Em alguns, a ênfase está no levantamento de dados sobre como determinadas teorias de ensino foram aproveitadas metodologicamente. Trata-se de experiências sobre formas diferenciadas de alfabetização ou sobre as relações em sala de aula, de estudos do meio, das experiências em laboratórios, do trabalho interdisciplinar... Em outras pesquisas, a análise incide sobre a própria pessoa do pesquisador-professor, o resgate da sua trajetória profissional, suas experiências vivenciais, aquisições intelectuais e a forma como estas influenciaram sua vida.

Um outro caminho é aquele que busca relacionar as vivências dos professores em exercício com a sua própria prática docente. Esses estudos, ainda incipientes no Brasil, se distinguem dos anteriores, pois partem do princípio de que a memória é alguma coisa (um movimento, um processo, uma energia) na interioridade dos indivíduos e dos grupos sociais, determinada pelas relações desses indivíduos com a cultura, a qual orienta seus atos e escolhas no percurso de suas histórias de vida. É exatamente nesses estudos que pretendo me deter aqui, analisando-os com mais detalhes.

MEMÓRIA E PRÁTICA DOCENTE

Uma das principais características das pesquisas sobre a memória e sua influência nas situações de ensino está no fato de que raramente esses estudos podem ser apenas descritivos. Em geral, as investigações ligadas às memórias institucionais ou pessoais são descritivas e concluídas com apresentação dos depoimentos dos que ocuparam importantes papéis na “história que precisa ser contada”. Já nos trabalhos sobre os efeitos da memória em situações de ensino as questões são diferentes. Um dos objetivos fundamentais desses estudos está na reflexão individual ou coletiva sobre as influências deixadas por vivências marcantes do passado na prática pedagógica dos professores. A partir das lembranças, os professores procuram refletir sobre questões, como as seguintes:

• o que essas experiências significaram em suas vidas?

• como se sentiam na época em que viviam essas experiências?

• que influências esses momentos tiveram em suas escolhas pessoais e profissionais?

Os pressupostos teóricos que respaldam tais pesquisas estão ligados ao fato, já comprovado em outros estudos (Lima, 1988; Kenski, 1991), de que os professores criam formas personalizadas de atuar em sala de aula, não apenas baseadas no conhecimento do conteúdo da disciplina e da metodologia de ensino específica, mas também de acordo com as vivências que tiveram e que a situação de ensino em que se encontram ajuda a recuperar. Essa recuperação nem sempre é feita de forma consciente e nem sempre também está relacionada à imagem de bons professores. Em alguns casos ocorre mesmo o contrário: é a imagem do professor que marcou negativamente a história de vida que vem a ser recuperada.

METODOLOGIAS DAS PESQUISAS SOBRE MEMÓRIA E ENSINO

As pesquisas sobre memória e ensino caminham em, pelo menos, dois sentidos: o primeiro dedica-se ao levantamento individualizado da memória de um professor, podendo envolver aspectos íntimos de sua vida e suas relações com familiares, amigos e professores, saindo portanto da esfera especificamente educacional. O segundo preocupa-se mais intensamente com as memórias coletivas apresentadas por diversas pessoas ligadas a um mesmo objeto — uma disciplina, uma escola, um projeto educativo...

Os estudos sobre a memória individual têm sido, na maioria dos casos, recuperações autobiográficas em que o próprio pesquisador é o professor-sujeito e objeto da pesquisa. Nesses casos, o professor-pesquisador busca a origem de seu modo de trabalhar nas influências teóricas, no relacionamento com colegas e alunos e na forma como esses interferiram em sua prática docente (Fazenda, 1991; Soares, 1991).

Este tipo de pesquisa exige do pesquisador-docente um alto rigor teórico e metodológico, pois está exposto a si mesmo como objeto. No entanto, o retorno em termos de compreensão das razões que o levaram a assumir um determinado jeito de ensinar garante satisfação e a possibilidade de superação de problemas que ocorriam nessa prática. Por outro lado, a explicação desse retorno ao passado, a socialização das vivências sob a forma de trabalhos escritos (artigos, livros etc.) torna possível não apenas conhecer como se deu a construção da prática docente desse professor mas, a partir daí, em processos comparativos, refletir sobre a maneira de ensinar de outros professores.

Um dos caminhos encontrados pelos pesquisadores para trabalhar com suas autobiografias está em apresentá-las como se estivessem contando histórias de terceiros. É como se estivessem olhando através de espelhos a história de um "outro". A narrativa desloca-se então para a terceira pessoa do singular e um outro personagem, "ele", assume o lugar do narrador que, através desse distanciamento, consegue mais facilmente analisar seus próprios problemas (Prado, 1992).

Em um outro encaminhamento desse tipo de pesquisa, o professor conta ao pesquisador a sua história e, mediante as lembranças, é analisado seu atual comportamento como docente. Essa abordagem se diferencia de um relato de história de vida, pois supõe a intervenção direta do pesquisador na história do outro, um acompanhamento feito de avanços e recuos na memória do professor, para tentar detectar as origens de sua forma de atuação. Nesses casos, os procedimentos de pesquisa se aproximam bastante dos métodos utilizados na clínica psicanalítica. Numa investigação feita por Norquay (1990) com uma professora americana de origem chinesa, por exemplo, a forma preconceituosa com que a professora tratava os alunos de mesma origem era causada pelas lembranças de seus envolvimento emocional com professores, com seus pais e com a comunidade de imigrantes chineses a que pertencia.

As pesquisas sobre memória e prática docente não se dão apenas mediante o levantamento das histórias de vida de pessoas isoladas. Existem vários tipos de estudos que envolvem a "memória coletiva" seja dos professores de uma escola ou de um grupo que ministra uma determinada disciplina. Nessa situação estão as "biografias socializadas" em que, após um primeiro momento de relato individual (oral ou escrito) de suas histórias de vida educativa, os professores discutem e situam os possíveis pontos comuns e as especificidades das diversas formas de ensinar existentes entre eles. Tentam, então, a partir desses aspectos, identificar a "personalidade" do curso que ministram, procurando estabelecer suas qualidades, pontos fracos e as alterações possíveis, tendo em vista a melhoria do ensino ministrado.

A memória coletiva é também empregada na elaboração das *collaborative autobiography* em que são levantadas experiências distintas e diferenciadas sobre um mesmo objeto como, por exemplo, uma escola, uma disciplina ou um projeto em que todos os consultados participaram, os quais procuram recuperar, como experiências práticas, os aspectos mais significativos do que foi vivido. Esse modelo pode ser utilizado em situações que visam a reformulação do currículo de um curso. Mediante a consulta a todos que passaram pela experiência do currículo anterior constrói-se a autobiografia do curso e são propostas, a partir daí, as alterações que forem necessárias. É bom notar que não se trata de um simples relato de lembranças sobre como foi o curso. O propósito é que as vivências sejam recuperadas, discutidas e analisadas coletivamente, tendo em vista as possíveis alterações que os que conviveram com o modelo anterior consideraram importantes serem feitas.

IMPORTÂNCIA DA PESQUISA SOBRE MEMÓRIA E ENSINO

Os estudos sobre a influência de vivências anteriores dos professores em suas formas de ensinar podem ser considerados como contribuições importantes para a compreensão de seus comportamentos em sala de aula. Mais importante ainda é que o professor tome consciência da origem da própria prática e da forma como considera o seu trabalho, a relação com o ensino e os próprios alunos. O retorno ao passado pode esclarecer as simpatias e aversões que sentiu, as crenças e preconceitos em relação ao conteúdo da matéria que leciona ou ao grupo de alunos que ensina.

A análise e a discussão das marcas do passado podem levar à compreensão da repercussão na vida profissional de diferentes situações vividas: crises, mudanças, rupturas, sucessos e fracassos. Esse conhecimento possibilita ao professor tomar iniciativas no sentido de superar determinados problemas, reformular as próprias concepções pessoais sobre a maneira como ensina, seu relacionamento com a disciplina, as formas que utiliza para avaliar seus alunos etc., além de resgatar a imagem pessoal do "bom professor", construída a partir dos contatos efetuados durante toda a sua trajetória escolar. Vem mostrar que a imagem do bom professor que marca os alunos não depende exclusivamente da competência teórica, ainda que esta seja um dos fatores determinantes. Outros fatores, como a sua própria imagem física, e, principalmente, as formas como se relaciona com o conhecimento a ser ensinado e com os alunos, transformam-se em marcas que o caracterizam na lembrança dos estudantes como sendo ou não "bons professores" (Cunha, 1990).

O conhecimento das histórias de vida de outros professores e a percepção de como as experiências do passado influenciaram suas práticas profissionais

auxiliam os demais na reflexão e identificação dos problemas encontrados em sua atuação como docentes. Mais importante ainda tornam-se as interações entre professores na busca de pontos comuns entre as suas lembranças, levando a um aprofundamento das discussões sobre as origens das suas próprias práticas.

Ao buscar as causas que determinaram o jeito de ensinar de um professor conclui-se que o trabalho em sala de aula é uma atividade experiencial e única, um exercício solitário que cada docente executa e que apenas parcialmente tem a ver com a teoria aprendida nos cursos de formação de professores. Nessa perspectiva, o ato de ensinar torna-se uma atividade profundamente artesanal, reconstruído permanentemente pelo professor a partir dos seus conhecimentos teóricos e metodológicos, das influências recebidas em suas vidas e das relações conjunturais existentes.

AS DIVERSAS "VOZES" EXISTENTES NOS ESTUDOS DA MEMÓRIA

Os estudos baseados nas memórias dos sujeitos mostram que os envolvidos neste tipo de pesquisa se apresentam com diferentes "falas", dependendo dos fatores e das circunstâncias em que se dê a recuperação das lembranças.

Normalmente a obtenção de dados para esses estudos é obtida por meio de relatos orais, em geral gravados, em um relacionamento pessoal e individualizado do pesquisador com o professor. Ocorre que, na maioria das vezes, o narrador, ou seja, aquele que está expondo suas lembranças, não o faz apenas através da linguagem oral e não diz apenas sobre o assunto que o pesquisador está questionando.

Uma das principais — e mais bonitas — características da memória que está sendo recuperada é sua atemporalidade. A memória é histórica na medida em que a recuperação das vivências não é feita de forma cronológica, linear, mas sim mediante a mistura de acontecimentos que ocorreram em diferentes momentos do passado. A lógica das lembranças é a da emoção. O que é narrado vai dizer das relações familiares, sociais, culturais... em um sentido muito mais amplo e complexo do que geralmente foi solicitado pelo pesquisador. Os fatos aparentemente anárquicos possuem uma coerência interior que não pode ser captada apenas pela leitura e análise do que está sendo fatado.

Partindo-se apenas da fala do narrador já se pode perceber as diversas vozes com que ele expõe suas lembranças do passado: o grau de envolvimento emocional com o assunto; os momentos em que deixa que as lembranças tenham voz, em verdadeiros retornos ao passado (reproduzindo diálogos, recuperando a linguagem e as expressões que usava na época) e nos momentos em que mais friamente interpreta a situação ocorrida. O pesquisador atento vai sentir no

depoimento do narrador a importância de observar, além das "vozes" da fala, o que é dito por meio de manifestações corporais. Os gestos, expressões faciais, o comportamento emocionado do narrador, o choro, o riso, o movimento do corpo, são muitas vezes aspectos importantes através dos quais o narrador diz muito mais do que o que está sendo expresso nas palavras.

Para que essas situações sejam percebidas é preciso grande habilidade e um treinamento cuidadoso do pesquisador. O trabalho do pesquisador criterioso que deseja se aprofundar nos estudos da memória tendo por base a coleta de depoimentos orais exige o conhecimento teórico da metodologia desse tipo de pesquisa, um treinamento razoável visando o desenvolvimento da sua capacidade de observação, reflexão e análise, e uma habilidade muito grande para lidar com o outro. Afinal, o pesquisador precisa estar ciente de que vai estar invadindo a intimidade das lembranças e das marcas vividas pela outra pessoa com todos os riscos que essas recuperações possam trazer, no plano emocional. Precisa estar suficientemente preparado para dar apoio ao narrador e garantir que os seus objetivos de pesquisa sejam alcançados, sem prejuízos maiores para o depoente. É necessário também que o pesquisador esteja totalmente atento ao que ocorre no momento em que o narrador está falando (o que está sendo dito por meio da fala, o comportamento geral, os gestos, o olhar, os barulhos e aspectos externos e que podem interferir na narrativa).

As "vozes" que atuam na recuperação da memória vêm mostrar a interferência de muitos outros fatores no momento do relato. O primeiro deles refere-se à seletividade da memória, que envolve não apenas lembranças, mas também silêncios e esquecimentos. O narrado é praticamente uma reconceitualização do passado a partir do momento presente, da pessoa com quem se está falando e do objetivo da narrativa. As pessoas não têm em suas memórias uma visão fixa, estática, cristalizada dos acontecimentos que ocorreram no passado. Pelo contrário, existem múltiplas possibilidades de se construir uma versão do passado e transmiti-la oralmente de acordo com as necessidades do presente. É nesse momento, o da narrativa de uma "versão" do passado, que as lembranças deixam de ser memórias para se tornarem histórias. Da mesma forma, no relato oral ou escrito das "memórias" o sujeito busca construir uma identidade pessoal que, em alguns casos, não é exatamente a mesma que ele possuía no passado (e nem sempre ele sabe disso!). O que ocorre é que geralmente no momento em que as pessoas vão relatar situações de suas vidas elas aproveitam para "passar a limpo" o passado e construir um todo coerente em que se mesclam situações reais e imaginárias.

O espaço da memória do sujeito é abrangente. Dele apenas uma parcela bem pequena se expressa através da linguagem oral, através da fala. Assim

mesmo, o que é relatado apresenta uma grande abrangência e exprime as relações entre a individualidade do sujeito e o plano cultural e social mais amplo (valores, *status*, posicionamentos).

As formas expressivas com que o indivíduo se auto-referencia no relato de suas memórias não podem ser consideradas como estatutos de verdade. Na fertilidade e força em que se mesclam situações reais e imaginárias, relações subjetivas e atemporais, sente-se que elas foram construídas "a contrapelo", como bem diz Benjamim, como uma visão do passado a partir do momento presente. Nesse sentido elas servem pouco como História, no sentido tradicional de uma versão de um passado realmente vivido, mas servem muito como memória para serem trabalhadas, refletidas, discutidas e analisadas porque vão dizer muito do homem ou da situação não apenas do passado mas, principalmente, do presente. É nesse sentido que o estudo das relações entre memória e prática docente tornam-se importantes, porque não se quer através da memória recuperar a história do professor, mas intervir na sua prática atual, procurando torná-lo em algum sentido melhor, ou, pelo menos, mais consciente das influências que redundaram na sua conduta em sala de aula.

O APOIO TEÓRICO PARA A ANÁLISE DA MEMÓRIA

Existem muitos caminhos de análise que se pode trilhar a partir das lembranças narradas pelo professor. A simples descrição do que foi contado não encerra o exercício do pesquisador. A análise do que ele coletou vai depender das questões que ele queria responder quando procurou os depoentes, bem como da qualidade das respostas obtidas e das situações observadas no transcurso da entrevista. Não existindo uma linha específica, determinada *a priori*, para a análise das "memórias" dos professores, as possibilidades de análise têm a ver, basicamente, com o fôlego teórico do pesquisador, sua capacidade de reflexão e de interpretação do que está ocorrendo na prática dos professores à luz de teorias que melhor expliquem o problema.

Nos estudos orientados para o conhecimento e análise da influência das lembranças anteriores sobre a prática docente, uma das possibilidades é o uso das teorias desenvolvidas sobre a "construção social da inconsciência" (Marcondes Filho, 1992), que vão buscar nos fundamentos da teoria psicanalítica explicações sobre as relações entre o inconsciente e a cultura. Os principais e mais tradicionais estudiosos da memória em sua vertente sociológica, como Bergson e Halbwachs, concluem pela necessidade de se compreender a ação do inconsciente na recuperação da memória.

Para autores como Dahmer, Erdheim, Horn, o inconsciente é um espaço político, constituído historica-

mente por meio da dominação exercida pelas instituições durante a história de vida dos sujeitos (Marcondes Filho, 1992). Segundo Dahmer (1975), a história de vida do sujeito é marcada pela dominação imposta pelas instituições culturais (família, escola, igreja) que vão orientar os valores, as escolhas, os gostos e todos os seus comportamentos ("cênicos") diante da sociedade. Por meio da dominação imposta pela sociedade vão sendo construídos inconscientemente modelos prontos de comportamento, pensamentos e sentimentos. Os modos de agir que possam pôr em risco a manutenção da sociedade, a estabilidade social, não são destruídos, mas reprimidos e impedidos de se manifestar através de ameaças, castigos e proibições.

A relação dos sujeitos com a cultura é, portanto, uma relação neurótica em que o indivíduo "renuncia" a uma suposta individualidade, ao seu comportamento original, para adotar comportamentos e padrões valorizados e aceitos pelo grupo social. Os comportamentos indesejáveis são reprimidos em favor daqueles que possam garantir um sentimento de identificação, uma gratificação afetiva ao se sentir "igual" aos demais. Essa busca de identificação, a necessidade de ser igual para ser aceito, pode ser uma das necessidades psíquicas que leva o indivíduo, ainda que de uma forma inconsciente, à busca de seus "modelos" de comportamento social e, em nosso caso específico, ao comportamento docente mais adequado, baseado nas práticas de seus antigos professores. Repete-se aqui o comportamento mimético encontrável nos sujeitos diante de uma situação totalmente nova. A necessidade de apresentar uma resposta "adequada" às exigências culturais e sociais que o momento impõe faz com que o sujeito busque em sua memória a forma como agia em situação semelhante alguém que exercia algum tipo de autoridade sobre ele, e "adote" esse tipo de comportamento. Com o passar do tempo e por meio de "identificações, deslocamentos e condensações", os sujeitos (no caso, os professores) vão construindo sua própria prática, isto é, a maneira personalizada com que se dedicam à tarefa de ensinar.

É importante notar que nessa "construção" de um modelo original de prática docente concorrem muitos outros fatores além do conhecimento teórico e metodológico da disciplina ensinada e da experiência profissional do docente. Fatores relativos à sua vida privada como, por exemplo, os relacionamentos pessoais, o desenvolvimento em diferentes fases da vida; os sucessos e fracassos; a visão de mundo (de escola, de aluno, de professor) e, mais especificamente, a visão que tem daquela escola em que leciona, daqueles alunos que compõem suas turmas; as opções políticas; a vida emocional; a situação econômica existente no momento em que está desenvolvendo a sua prática, enfim, sua história de vida pessoal e profissional interferem profundamente na sua atuação.

É dessa forma que passa a ser formulado um novo questionamento, que também diz respeito à me-

mória do professor e à forma como suas emoções e vivências interferem em suas práticas docentes. Trata-se, nesse caso, não mais da memória das situações vividas em sua concretude, mas das virtualmente assimiladas através das vivências imaginárias dos sujeitos em suas interações com os meios de comunicação de massa, sobretudo a televisão.

VIVÊNCIA IMAGINÁRIA E PRÁTICA DOCENTE

No atual estágio da sociedade, em que os meios de comunicação de massa interagem continuamente com todos, a televisão tornou-se um referente cultural comum pelo qual as pessoas se "comunicam". A televisão é, assim, o veículo que faz a leitura da sociedade e apresenta a todos as informações e os comportamentos socialmente valorizados. Por meio de seus programas são oferecidas versões de fatos, são criadas artificialmente situações que, assimiladas pelos telespectadores, dão origem a vivências artificiais imaginárias mas potencialmente fortes, a ponto de interferir, como marcas, nas experiências concretas de vida dos sujeitos. Em outras palavras, um sujeito que se envolva emocionalmente na trama de uma novela, ou de uma série como *Anos Rebeldes*, por exemplo, embora não tenha vivido concretamente "a época", viveu-a virtualmente através do canal televisivo, assimilou-a em sua memória e, a partir daí, passa a contar com mais essa "vivência" em sua maneira de pensar, de sentir e agir.

Não resta dúvida de que para as manifestações estudantis em passeatas contra o governo contribuíram os exemplos assimilados da história dos jovens estudantes em luta contra o regime repressivo dos anos 60. A tensão da época, a luta contra os militares, a clandestinidade, a violência e a tortura apresentadas na série foram captadas, "vividas" e influenciaram o comportamento dos jovens telespectadores que, em muitos casos, não eram nem nascidos na época em que as situações apresentadas na série ocorreram realmente. Mas a essa altura não importa. O que foi visto e sentido através da história criada para a televisão, foi virtualmente vivido e assimilado pela memória como vivência real. E muitos foram os adolescentes que se moldaram pelo comportamento dos heróis da série para participarem das passeatas.

Da mesma forma muitas são as influências que a mídia vem exercendo sobre o comportamento de professores e alunos. Personagens de programas humorísticos como a *Escolinha do Professor Raimundo* misturam-se nas salas de aula com réplicas de comentaristas políticos ou esportivos, apresentadores de programas, jornalistas, atores e atrizes de telenovelas. Seus comportamentos, suas formas de se expressar, seus "jargões" são livre e inconscientemente empregados durante as aulas e, em muitos casos, tornam-se "brechas" ou "âncoras" que o professor procura para se comunicar com seus alunos e, dessa forma, ensinar.

Esse novo tipo de memória, a que é vivida virtualmente através do imaginário televisivo, e suas influências sobre o comportamento docente em sala de aula são característicos do atual momento da sociedade. A ausência de comunicação interpessoal, o vazio em que vivem as pessoas são preenchidos pelo hábito de se ver televisão. Para o telespectador nem sempre o mais importante é o tipo ou o conteúdo da informação que está sendo veiculada, mas a possibilidade de comunicação com o mundo exterior, com a sociedade mais ampla que, de outra forma, já não consegue realizar. O "ver televisão" torna-se, assim, mais do que um momento de lazer, uma necessidade de relacionamento interpessoal através da qual o sujeito busca interagir com outros sujeitos, ainda que de uma forma unidirecional, virtual e imaginária.

É nessa relação afetiva com a televisão que o caráter informacional do veículo torna-se secundário. Mais do que os papéis protagonizados pelos artistas, do que as informações apresentadas por um Cid Moreira ou um Boris Casoy, é a presença física desses sujeitos que importa. Recebidos como "velhos conhecidos", com os quais são estabelecidos laços de simpatia ou antipatia, os personagens televisivos tornam-se referências afetivas concretas para os telespectadores. A vivência e as experiências históricas que os profissionais encenam na tela perdem o caráter ficcional para assumirem funções subjetivas, estabelecem relações emocionais concretas que "marcam" os espectadores (não mais *tele*) como se fossem reais, no sentido tradicional do termo.

Na verdade essas vivências são reais uma vez que o assistir televisão (com todos os componentes de envolvimento imaginário decorrentes) faz parte da realidade dos sujeitos, passa a integrar as suas histórias de vida.

O que ocorre portanto é que as marcas deixadas pela vivência televisiva na memória (olhando-se apenas para o aspecto de "reprodução" de comportamentos televisivos em sala de aula), quando recuperadas na prática docente, possuem o mesmo caráter de mimetismo que orienta a adoção do comportamento de antigos professores. Ocorrem aí, no entanto, novos tipos de influências que vão da necessidade de procurar formas efetivas de comunicação à adoção consciente de comportamentos e expressões que estão na moda (e, através deles, criar empatia automática com os alunos), até a substituição das formas desgastadas de expressão por novas maneiras, sempre diferentes e atuais, copiadas dos *hits* apresentados nas tevês.

O consumo dessas vivências imaginárias na atividade docente é rápido e descartável. Na maioria dos casos é eficiente em seus objetivos de tentar um processo de comunicação com os alunos, e nos remete a uma reflexão maior sobre a função e a prática do docente em uma sociedade em que a memória e as ligações individuais e coletivas com o passado são permanentemente reconstruídas, reinventadas, romaneadas e afetivamente refeitas através dos meios de comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1985. Sobre o conceito de História.
- BERGSON, H. *Matière et mémoire*. Paris: Alcan, s/d.
- CUNHA, M. Isabel. *O Bom professor e sua prática*. Campinas: Papirus, 1990.
- DAHMER, H. *Psyche*, 1975. Cultura como matriz de histórias de vida. [Tradução manuscrita]
- FAZENDA, Ivani. *Interdisciplinaridade: um projeto em parceria*. São Paulo: Loyola, 1991.
- HALBWACHS, M. *A Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- KENSKI, Vani M. A Construção social da inconsciência: teoria psicanalítica, comunicação e sociedade. *Cadernos CEDES*, Campinas: Papirus, n.26, 1992.
- _____. A Vivência escolar dos estagiários e a prática de pesquisa em estágios supervisionados. In: PICONEZ, S. A *Prática de ensino e o estágio supervisionado*. Campinas: Papirus, 1991.
- LIMA, M. Lourdes R. Mudanças qualitativas no conhecimento sobre o trabalho docente. In: FAZENDA, I. *Um Desafio para a didática*. São Paulo: Loyola, 1988.
- MARCONDES Filho, Ciro. A Produção social da neurose. *Cadernos CEDES*, Campinas: Papirus, n.26, 1992.
- NORQUAY, N. Life history research: memory, schooling and social difference. *Cambridge Journal of Education*, v.3, n.20, 1990.
- PRADO, Guilherme T. *Da busca de ser professor: encontros e desencontros*. Campinas, 1992. Tese (mestr.) Faculdade de Educação/UNICAMP.
- SOARES, M. *Metamemória-memórias: travessia de uma educadora*. São Paulo: Cortez, 1991.
-